

A vocalização da lateral posvocálica em francês

Cíntia da Costa Alcântara

cintiaca09@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (Brasil)

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

carmen.matzenauer@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas/CNPq (Brasil)

ABSTRACT

Vocalization of the lateral in syllabic coda provided French with forms that have rounded posterior vowels, such as /o, u/ (cf. *salvus* > fr. *saufs* /o/ 'salvo'; *pulmonem* > *poumon* /u/ 'pulmão'), and rounded front ones, such as /ø, y/ (cf. *filtrum* > *feutre* /ø/ 'feltro'; *pul(i)cem* > *puce* /y/ 'pulga'). The latter did not exist in the Latin vowel system; thus, they were unknown, unlike the former. In the diachronic context, this study focuses on the evolution of Latin forms bearing 'l pinguis', which resulted in French words with rounded vowels, either [- post] /ø/ or [+ post] /o/. This paper argues that one of the sources of rounded front vowels in French is the Latin sequence of vowel + lateral liquid in the medial position of the word. The explanation is provided with the support of Autosegmental Phonology, by the features that comprise the internal structure of the segments of the sequence. The corpus under study was collected in historical grammars, etymological dictionaries and historical compendia of French phonetics and phonology.

KEY-WORDS

diachrony of French; vowel system; postvocalic lateral; feature theory

RESUMO

A vocalização da lateral em coda silábica rendeu ao francês formas com vogais posteriores arredondadas, como /o, u/ (cf. *salvus* > fr. *saufs* /o/ 'salvo'; *pulmonem* > *poumon* /u/ 'pulmão'), mas também formas com vogais frontais arredondadas, conforme /ø, y/ (cf. *filtrum* > *feutre* /ø/ 'feltro'; *pul(i)cem* > *puce* /y/ 'pulga'), estas inexistentes no latim. Em panorama diacrônico, este estudo focaliza a evolução de formas latinas portadoras do 'l pinguis' que resultaram em vocábulos do francês portadores de vogal arredondada, seja [- post] /ø/, seja [+ post] /o/. Defende-se estar, na sequência latina de vogal + líquida lateral, em posição medial de palavra, uma das fontes da presença de vogais frontais arredondadas do francês, o que se explica, com o suporte da Fonologia Autossegmental, pelos traços que compõem a estrutura interna dos segmentos da sequência. O corpus estudado partiu de gramáticas históricas, dicionários etimológicos e compêndios históricos de fonética e fonologia francesas.

PALAVRAS-CHAVE

diacronia do francês; sistema vocálico; lateral posvocálica; teoria de traços

1. Introdução

A história linguística do francês registra quatro momentos – francês antigo (sécs. IX-XIII); francês médio (sécs. XIV-XVI); francês clássico (sécs. XVII-XVIII); e francês moderno (sécs. XIX-XXI) (Veiga, 1965). O francês antigo é o palco em que se estabelece a lateral velarizada posvocálica e é também nele que tal elemento consonantal sofre o processo de vocalização, conforme será apresentado neste artigo.

O presente estudo tem por foco a vocalização da lateral, foneticamente velarizada, em coda silábica na diacronia do francês¹, especificamente a coda silábica medial de palavra. O objetivo é descrever e analisar, sob os pressupostos da Fonologia Autossegmental, a evolução de formas latinas portadoras do ‘l *pinguis*’ que resultaram em vocábulos do francês portadores de vogal arredondada, seja [-post], a exemplo de /ø/ e /y/, seja [+ post], a exemplo de /o/ (e.g. *filtrum* > *feutre* /*føtre*/ ‘futre’; *pul(i)cem* > *puce* /*pyse*/ ‘pulga’; *alter* > *autre* /*otre*/ ‘outro’)³.

É uma herança latina a líquida lateral /l/ acolhida não somente pela língua francesa, mas também por outras línguas neolatinas, como o português e o italiano, por exemplo. No francês *standard* contemporâneo⁴, a lateral coronal anterior é a única representante na classe das líquidas laterais, podendo ocupar tanto a posição de ataque quanto a de coda silábica; porém, nem sempre foi assim: o francês também já contou com a lateral palatal /ʎ/, em

¹ Este estudo trata do francês *standard*, nascido do dialeto falado em Île de France, onde fixaram residência os reis de França e sua corte.

² Segundo Camara Jr. (1976: 49), a variante *pinguis* da líquida lateral latina /l/ apresentava “uma articulação posterior, provavelmente velar”. O termo *pinguis* é uma denominação atribuída ao gramático latino Consentius, no séc. V d. C. para descrever a variante lateral [+ post] do /l/ em coda. Outro gramático latino, Plínio O Velho, no séc. I d. C., já o denominara *plenus* (Sen 2015:15-6). É possível encontrar-se na literatura atual as expressões *dark l*, em inglês, e *l* *sombre*, em francês.

³ O objeto deste estudo restringe-se ao processo diacrônico da lateral em coda silábica de que resultaram as vogais posteriores arredondadas /o/ e /u/ e as vogais frontais arredondadas /ø/ e /y/, deixando de abordar a vogal frontal arredondada média-baixa /œ/, como elemento resultante da vocalização da lateral posvocálica, em virtude de, com essa motivação específica, este elemento vocálico ter ocorrido somente enquanto forma transitória/ intermediária, ou seja, no processo evolutivo de que resultou a vogal média-alta frontal arredondada /ø/ (cf. chev[ɛ]s > chev[ew]s > chev[œw]s > chev[œ]s > chev/o/ *cheveux*).

⁴ Já no século XVI, após haver cessado o período em que se deu o processo de vocalização da líquida lateral em coda, os vocábulos com /l/ posvocálico – empréstimos ao italiano (cf. *balcon* ‘sacada’; *altesse* ‘alteza’; *galbe* ‘garbo’) ou reconstruções vocabulares (cf. *malgré* ‘apesar de’; *malfaire* ‘fazer mal’; *malcontent* ‘descontente’) – manifestavam, de acordo com Bourciez (1921), a lateral coronal anterior [l].

seu inventário fonológico. Esta aproximante, de cujo tratamento o presente estudo não se ocupa, foi vocalizada para [j], tendo vigorado no sistema consonantal da língua francesa até meados do séc. XIX⁵.

No Quadro 1, a seguir, têm-se, à esquerda, os sistemas vocálicos do latim clássico e do latim vulgar; à direita, tem-se o sistema vocálico do francês⁶.

Quadro 1 – Sistemas vocálicos do latim (clássico e vulgar) e do francês.

Vogais Latinas		Vogais Francesas	
Lat. Clássico > Lat. Vulgar ī - <u>i</u> <u>u</u> - ū ĭ → e o ← ŭ ē → e ȳ ← ȳ ĕ - <u>ε</u> ȳ - ȳ ā → a ă → a		i u e o ε ɔ y ø œ a	

Observa-se, no Quadro 1, que o sistema vocálico do latim vulgar, no quadro sublinhado, não mais contava com a ‘duração’ como parâmetro distintivo, como o fizera o latim clássico; trabalhava somente com a informação de tonicidade. Na sílaba tônica, o desenvolvimento do sistema vocálico latino ocorre pela aparição no sistema de “duas vogais médias-baixas /ɛ/ (< ĕ lat. clás.) e /ɔ/ (< ȳ lat. clás.), as quais se opõem a /e/ (< lat. clás. {ē, ĭ}) e /o/ (< {ō, ŭ}); com relação à sílaba átona, a série anterior {ĭ, ē, ĕ} passa para /e/ e a posterior {ō, ŭ}, para /o/” (cf. Ségéral & Scheer 2015: 117; Camara Jr. 1976). E essa nova configuração vocálica, presente no latim vulgar, foi herdada por línguas românicas, como o francês e o português. O francês, contudo, acresceu novos segmentos ao inventário segmental – a série arredondada de vogais frontais, /y, ø, œ/ – desconhecidas no sistema latino, conforme é apresentado no Quadro 1.

E da sequência latina de vogal seguida de líquida lateral velarizada

⁵ A literatura diagnóstica esse fato (cf. Tranel 1987; Grevisse 1993).

⁶ No quadro, à esquerda, as flechas apontam para as vogais do latim vulgar, derivadas do sistema vocálico do latim clássico; à direita, estão em destaque as vogais frontais arredondadas que integram a fonologia do francês contemporâneo.

resultou em francês uma vogal arredondada, de caráter posterior, /u, o/, ou frontal, /y, ø/. No francês antigo (sécs. IX-XIII), a lateral velarizada, em coda, seguida ou não de outra consoante, apresentava características de elemento velarizado, [ʃ] – uma característica herdada do ‘l’ *pinguis* (velar) latino. A vigência desta variante se deu até cerca do séc. XI⁷, período após o qual a língua passou a contar com uma forma vocalizada [w].

Ressalta-se, não obstante, que em vocábulos derivados o francês conta com a presença da sequência constituída de vogal e líquida lateral (coronal), em (1) mostrado.

(1) Formas derivadas em V + /l/⁸

latim	francês antigo	francês atual	português	francês - forma deriv.	português
pulmonem	> p[ot̪]mon	> p/ <u>u</u> /mon	‘pulmão’	pulmonaire	‘pulmonar’
balsamum	> b[at̪]me	> b/ <u>o</u> /me	‘bálsamo’	balsamique	‘balsâmico’
capillos	> chev[eʃ]s	> chev/ <u>ø</u> /	‘cabelos’	chevelure	‘cabeleira’

Os vocábulos derivados, em (1), funcionam como evidências morfofonológicas que atestam uma etapa pregressa da língua, com a presença da lateral em coda silábica. Por outro lado, as formas sincrônicas com a vogal arredondada (cf. *pu/mon*; *b/o/me*; *chev/ø/l*) guardam informações sob o rótulo de traços distintivos, na linha de Clements & Hume (1995)⁹.

O presente estudo se atém aos fatos linguísticos ocorridos em coda interna à palavra não derivada, conforme já referido, e utilizou, como

⁷ De acordo com Nyrop (1899: 278), as primeiras manifestações de vocalização da lateral *pinguis* teriam sido observadas ao final do período Galo-Romano – por volta da metade do séc. IX. Os exemplos mais antigos remontariam às cartas latinas do séc. X, em que se encontram nomes próprios de origem germânica, grafados com a vogal *u* na posição destinada à líquida lateral (ao lado de *a*) (e.g. *Rainaudus*, *Giraut*, *Gauterius*). No séc. XII, ainda era possível encontrar-se grafada a líquida lateral, a exemplo de *albe* (> *aube* ‘amanhecer’); *altre* (> *autre* ‘outro’); *chevals* (> *chevaux* ‘cavalos’); *palme* (> *paume* ‘palma’); *talpe* (> *taupe* ‘toupeira’); *falcon* (> *faucon* ‘falcão’) etc. O autor relata que deveria ocorrer, à época, “a pronúncia de um tipo de *l* muito reduzido, cuja articulação consonântica mal devia ser percebida”

⁸ Neste artigo optou-se por apresentar as formas fonéticas e as formas fonológicas apenas nos segmentos foco da análise.

⁹ Adota-se a proposta teórica de Clements & Hume (1995) para a análise dos dados do presente artigo em razão da visão não-linear do funcionamento do componente fonológico das línguas, com o tratamento autosssegmental dos traços que compõem a estrutura interna dos segmentos e a formalização dos processos que envolvem segmentos e traços por meio de uma representação geométrica.

corpus, gramáticas históricas, dicionários etimológicos e compêndios históricos de fonética e fonologia francesas.

2. A vocalização da lateral em coda interna

Segundo Nunes (1989 [1951]: 132), o francês é a língua românica em que se verifica “mais extensamente e com maior regularidade” o processo de vocalização do ‘l’ velarizado. Na literatura encontram-se afirmações semelhantes à de Nunes com respeito ao francês, seja antes ou depois do referido autor português (cf. Kolovrat 1923; Müller 2011; Recasens 2012). Segundo Sen (2015), a vocalização da lateral em coda consistiria em uma das evidências da influência indireta protagonizada pela estrutura silábica na mudança sonora.

A lateral velarizada, nos primórdios do francês antigo, compunha uma sequência com a vogal-núcleo¹⁰, /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/ ou /u/, ou seja, quaisquer que fossem as propriedades fonológicas da vogal, a lateral posvocálica manifestava-se como segmento velarizado, à borda da sílaba, em meio ou fim de palavra, em (2) ilustrado. Da mesma forma, pouco importavam as propriedades segmentais da consoante vizinha à líquida lateral em coda interna, posto que o fenômeno de vocalização se repetia.

(2) Sequência V + /l/

latim	francês antigo	francês atual	português
pulmonem	> p[ot̪]mon	> p/ <u>u</u> /mon (poumon)	‘pulmão’
balsamum	> b[at̪]me	> b/ <u>o</u> /me (baume)	‘bálsamo’
capillos	> chev[et̪]s	> chev/ <u>o</u> / (cheveux)	‘cabelos’
pul(i)cem	> p[ut̪]ce	> p/ <u>y</u> /ce (puce)	‘pulga’

¹⁰ Segundo Brachet (1872: 31-2), a líquida lateral em coda, precedida de uma vogal (a, e, i, o, u), persistiu no francês primevo (cf. *mollis* = mol; *malva* = malve; *porcellus* = pourcel); porém, foi abrandada em u (cf. *mou* ‘mole’; *mauve* ‘malva’; *pourceau* ‘porco’) ao redor da metade do séc. XII.

Da sequência latina de V + /l/, em (2) ilustrada, desenvolveu-se no francês uma vogal [+arred] – seja /u/ (cf. *poumon* p/u/mon), seja /o/ (cf. *baume* b/o/me), ou, ainda, /ø/ [-post, +arred] (cf. *cheveux* chev/ø/)¹¹ e /y/ (cf. *puce* p/y/ce). Contudo, a passagem de um momento a outro na história da lateral posvocálica (V + /l/) não se deu automaticamente; apresenta etapas, o que faz com que se formulem duas questões a que se pretende responder neste estudo:

- (i) Quais seriam as causas fonético-fonológicas a desencadear a mudança de um sistema sem vogais frontais arredondadas (latim vulgar) para outro sistema com essas vogais (francês)?
- (ii) A inserção de vogais arredondadas, frontais ou posteriores, na fonologia do francês mostraria relação com a história da lateral posvocálica na língua?

Nas seções que seguem, apresenta-se o processo evolutivo de cada uma das sequências de vogal seguida de líquida lateral (V + /l/) – /a/, /ɔ/, /o/, /u/ e /i/ –, das quais resultaram, na língua francesa, vogais arredondadas: /o/, /u/, /ø/. É sob os pressupostos da Fonologia Autossegmental e da Geometria de Traços (Clements & Hume 1995) e da proposta de Martinet (1955), relativamente à evolução dos sistemas fonológicos, que serão apresentadas possíveis respostas para as indagações formuladas. Basilar para a análise foi o reconhecimento de que os segmentos que compõem as sequências de vogal + líquida lateral compreendem, em sua estrutura interna, traços organizados em uma hierarquia, funcionando como unidades autossegmentais, o que permite explicar por que derivaram, nos movimentos diacrônicos do francês, vogais arredondadas, com a ocorrência especialmente de processos de vocalização da lateral, de assimilação e de coalescência; os traços estão no cerne dos processos que dão origem às vogais /o/, /u/, /ø/ que integram a fonologia do francês.

¹¹ A vogal média-baixa frontal arredondada /œ/ existiu como elemento resultante da vocalização da lateral posvocálica somente enquanto forma transitória/intermediária, ou seja, no processo evolutivo de que resultou a vogal média-alta frontal arredondada /ø/ (cf. chev[et]s > chev[ew]s > chev[œw]s > chev[œ]s > chev/ø/ *cheveux*), conforme foi preliminarmente descrito na nota 3.

2.1 Sobre a sequência /a/

Da sequência *al* derivou-se, no sistema linguístico do francês, a vogal arredondada /o/. A seguir, no Quadro 2, apresenta-se o processo evolutivo por que passou a lateral em coda, resultando na vogal oral /o/, passando pela velarização da consoante lateral e pela sua subsequente vocalização (cf. [a] > [aw] > /o/). Adianta-se que tal processo de vocalização da lateral velarizada, em coda interna, atingiu todas as formas que carregavam, nos primórdios do francês antigo, a referida sequência de vogal e aproximante. À esquerda, estão as formas oriundas do latim vulgar, na coluna central, estão dispostas as formas evolutivas francesas e, à direita dessas, as formas correspondentes em português. As formas que carregam um asterisco são alvos hipotéticos, que acompanhariam o percurso evolucionar das demais formas em vogal /a/ seguida da líquida lateral velarizada. Seguem-se comentários.

Quadro 2 - Vocalização da líquida lateral em coda medial – resultado: /o/.

	/ <u>l</u> / [aʎ] > [aw] > /o/	
<u>a</u> ltare	aʎ tel > aw tel > au tel [aʎ] > [aw] > /o/	‘altar’
b <u>a</u> lsamum	baʎ me > ba wme > ba ume [aʎ] > [aw] > /o/	‘bálsamo’
<u>c</u> alvus	caʎ ve > ca wve > cha uve [aʎ] > [aw] > /o/	‘calvo’
<u>f</u> alconem	faʎ cun* > fa wcun > fa ucon [aʎ] > [aw] > /o/	‘falcão’
<u>g</u> albinus	gaʎ ne > ga wne > ga une [aʎ] > [aw] > /o/	‘amarelo’
<u>m</u> alva	maʎ ve > ma wve > ma uve [aʎ] > [aw] > /o/	‘malva’
<u>p</u> alma	paʎ me > pa wme > pa ume [aʎ] > [aw] > /o/	‘palma’

palpebra	paɫpebra* > pawpebra > paupièrè [aɫ] > [aw] > /o/	‘pálpebra’
salmonem	saɫmun > sawmun > saumon [aɫ] > [aw] > /o/	‘salmão’

Interessam ao presente trabalho as formas evolutivas francesas, as quais são, na primeira etapa, constituídas de uma sequência de vogal baixa posterior, /a/, seguida de líquida lateral, /l/, ou seja, V + /l/. Essa sequência teria passado por três etapas evolutivas: (i) a sequência de vogal /a/ seguida da líquida lateral /l/, a qual se manifestava velarizada foneticamente; (ii) o grupo de vogal /a/ seguida de glide dorsal [w]; e (iii) a vogal oral /o/¹², resultante de um processo de coalescência da sequência V + glide, ou seja, a/l/ [ɫ] > a[w] > /o/ [o]. Ademais, na sequência tautossilábica /al/, segundo Kolovrat (1923:79), a vocalização da líquida lateral ter-se-ia processado independentemente tanto da tonicidade da sílaba, quanto do ponto de articulação da consoante seguinte – dental, palatal ou labial (cf. *altare* > *utel* ‘altar’; *caltiare* > *chusser* ‘calçar’; *salvare* > *sauver* ‘salvar’; *talpa* > *taupe* ‘toupeira’).

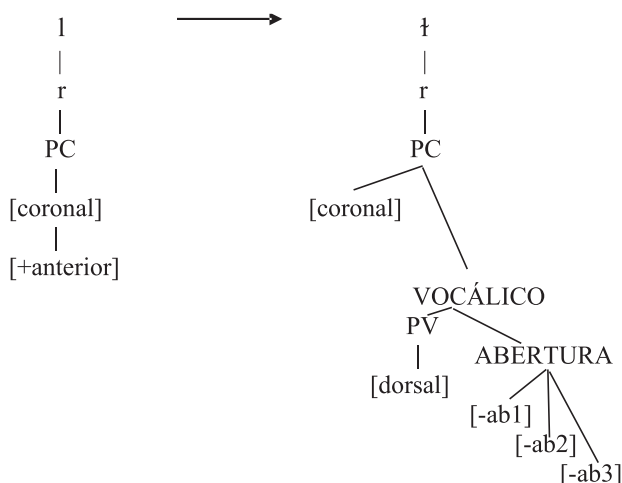
Deve-se observar que a líquida lateral vocalizada, passando a comportar-se como glide dorsal, necessariamente permaneceu em coda silábica, ao lado da vogal-núcleo, /a/, do que resultou, nesse momento, um ditongo decrescente, [aw], o qual, por sua vez, passou à vogal /o/, em etapa subsequente¹³.

Observe-se, na Figura 1, a representação autossegmental do processo de velarização da líquida lateral, /l/ > [ɫ], ilustrada na forma francesa arcaica [’aɫbe], sincronicamente vocalizada – [’ob] *aube* ‘alvorecer’. Os fundamentos da Fonologia Autossegmental permitem a formalização da lateral velarizada como um segmento complexo, por conter, associada à articulação primária consonantal coronal da lateral /l/, uma articulação secundária vocálica. Veja-se a Figura 1.

¹² A vogal média-alta posterior /o/ no francês é representada ortograficamente por ‘au’, ‘eau’ e ‘o’, esta última grafia pode vir ou não acompanhada de acento circunflexo.

¹³ Segundo Bourciez (1921: 239), as palavras *malgré* ‘malgrado’; *malfaire* ‘fazer mal’; *malcontente* ‘descontente’ foram refeitas/reconstruídas, pois, no francês antigo, eram *maugré*, *maufaire*, *maucontent* (cf. francês moderno *maudire* ‘maldizer’; *maussade* ‘rabugento’, etc.). O autor ressalta ainda que palavras como *balcon* ‘sacada’; *altesse* ‘altura’; *galbe* ‘garbo’; *soldat* ‘soldado’, etc. são empréstimos do italiano que entraram para o francês no séc. XVI.

Figura 1 - Velarização da líquida lateral em coda.



Fonte: Quédnau (1994)¹⁴

Como se pode observar, na Figura 1, para que se forme o segmento complexo reconhecido como a líquida velarizada, é necessário que haja dois pontos de articulação – um primário, ou de consoante, e o outro secundário, ou de vogal. A constrictão primária representa a líquida como um segmento [coronal]; a constrictão secundária assinala um elemento [dorsal], com traços de abertura que caracterizam uma vogal alta posterior ou dorsal.

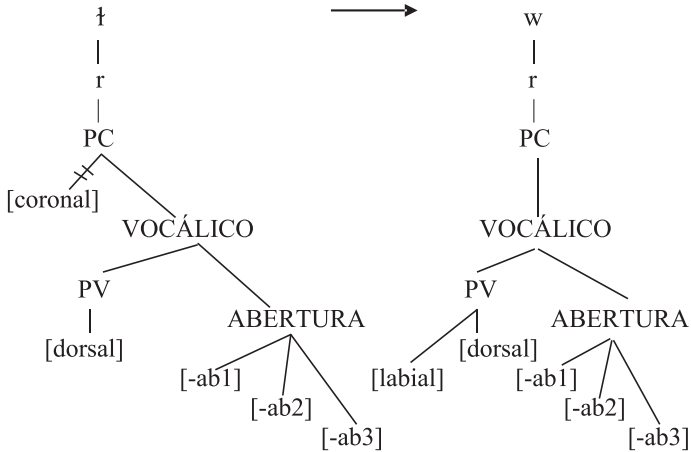
Na Figura 2¹⁵, a seguir, representa-se o processo de vocalização da soante lateral¹⁶, sob a Geometria de Traços (Clements & Hume 1995).

¹⁴ A interpretação da líquida lateral velarizada, sob o modelo da Geometria de Traços (Clements 1985, 1989, 1991), é assumido por Quédnau (1994: 145) para o tratamento da lateral posvocálica no português gaúcho. À luz da Geometria de Traços, a lateral velarizada é interpretada como consoante complexa, com duas articulações orais: uma consonantal, representada, na Figura 1, pelo traço [coronal] sob o nó Ponto de Consoante (PC), outra vocálica, representada pela presença do nó Vocálico, também dependente do nó PC. Vale acrescentar ainda que, no momento do acréscimo do nó Vocálico com o ponto [dorsal], o traço [+anterior], dependente do [coronal], sob o ponto de C, é desligado por relação implicacional; prevalece então o ponto [dorsal]. O resultado é uma lateral dorsalizada.

¹⁵ O glide [w] assim como a vogal [u] por ser um segmento labiodorsal, em sua estrutura interna, também se manifesta com o traço [labial].

¹⁶ Embora resulte um ditongo a partir da vocalização da líquida lateral, considera-se que o glide ocupa, na estrutura silábica, a posição de coda, seguindo a proposta de Mascaró (1989) e Bisol (1994).

Figura 2 - Vocalização da líquida lateral em coda.



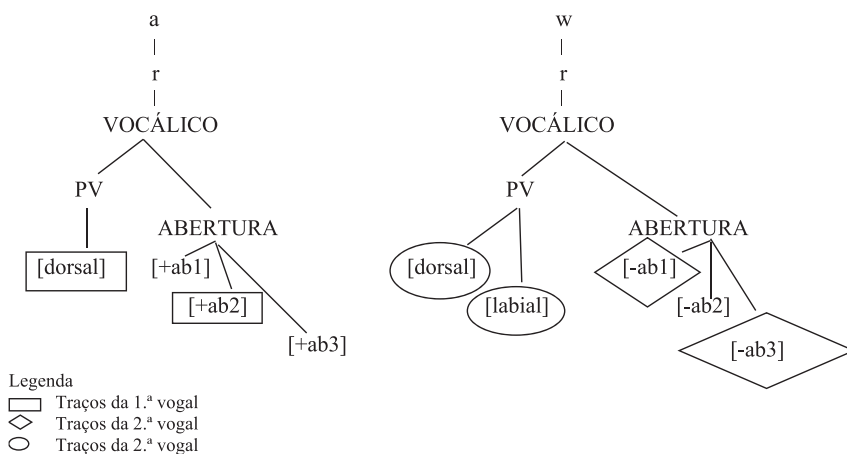
Fr. ant. /albe/ [ʼawbe] (> fr. mod. *aube* ‘alvorecer’)

Fonte: as autoras

O fenômeno de vocalização da lateral velarizada em coda, na Figura 2, ocorrido no francês, assim como no português do Brasil, é formalizado como um mecanismo de desassociação do traço [coronal], imediatamente sob o nó Ponto de C, que caracteriza segmentos consonantais. A informação que resta na hierarquia concerne a um elemento vocálico, sob o constituinte Nó Vocálico – os traços [dorsal] e [labial], sob o nó Ponto de V – e os traços de Abertura. Está concluída, assim, a vocalização da líquida lateral.

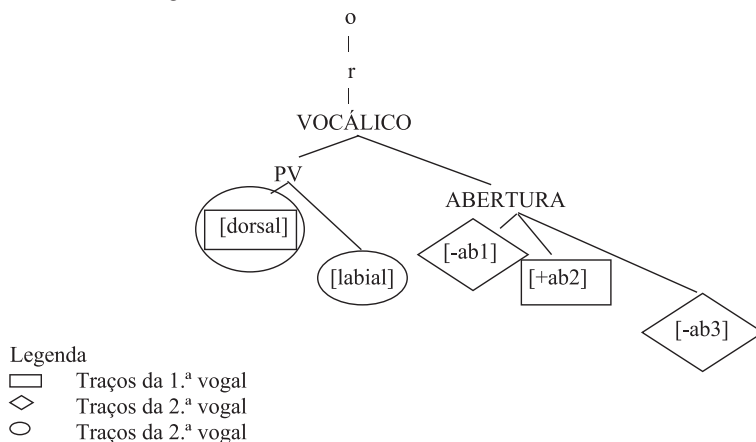
Contudo, no francês, o processo evolutivo não cessou a marcha: o resultado da vocalização de /l/, ou seja, o glide dorsal, passa a integrar a sequência de V + glide dorsal. Essa sequência é, então, submetida a novo processo, do qual redundará a vogal arredondada /o/. O processo responsável pela emergência desse segmento vocálico é a coalescência de traços, na Figura 3 apresentada, e cujo resultado final está na Figura 4.

Figura 3 - Unidades envolvidas no processo de coalescência de traços.



Fonte: as autoras

Figura 4 - Resultado da coalescência de [a] e [w].



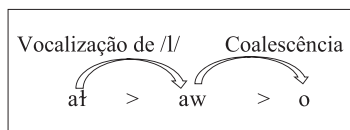
Fonte: as autoras

Na Figura 3, tem-se a formalização das unidades envolvidas no processo de coalescência da vogal /a/ e do glide dorsal [w], fazendo resultar a vogal /o/, representado na Figura 4. Note-se que são emprestados ao novo

segmento, pela vogal /a/, os traços [dorsal], de Ponto de Vogal, e [+ab2], de Abertura (destacados pelo retângulo). Com respeito aos traços do glide [w], são utilizados [dorsal] e [labial], que caracterizam o ponto de articulação do segmento vocálico/glide dorso-labial (destacados pelo círculo); quanto aos traços de Abertura, [-ab1] e [-ab3] são chamados a integrar o novo segmento (destacados pelo losango). Assim, o segmento que emerge da coalescência de /a/ e [w], na Figura 4 mostrado, carrega traços de ambos os segmentos, reunindo-os para a formação de outro segmento que deles difere: trata-se da vogal arredondada /o/, já integrante do sistema fonológico do francês, e conhecida do latim vulgar. Uma análise dos traços que integram a estrutura interna da sequência vogal + lateral é indispensável para o entendimento da emergência da vogal arredondada /o/. O entendimento de que os traços, como autosegmentos que, de forma coocorrente, constituem os segmentos, está na base da ocorrência dos processos de que derivam também as outras vogais arredondadas do francês que estão no foco do presente estudo.

Na Figura 5, apresenta-se a evolução do grupo /al/ até chegar à vogal /o/, assinalando-se-lhe as diferentes fases.

Figura 5 - Evolução do grupo /al/ a partir da manifestação fonética velarizada de /l/:
vocalização de /l/ e coalescência.



Fonte: as autoras

Observe-se que, ao longo da evolução da sequência /al/, até chegar à forma resultante na vogal oral /o/, a partir da manifestação fonética velarizada de /l/, ocorreram dois processos fonológicos: a vocalização da líquida lateral, na Figura 2, que redundou no ditongo decrescente [aw], e a coalescência, na Figura 4, com a reunião de dois segmentos distintos de cuja junção nasceu um terceiro, diferente daqueles que lhe deram origem.

2.2 Sobre as sequências /ɔl/ - /ol/ - /ul/

Das sequências /ɔl/, /ol/, /ul/ derivou-se, no sistema linguístico do francês, a vogal alta dorsal arredondada /u/, o que é ilustrado, no Quadro 3, a seguir, com a presença da vocalização da líquida lateral. A vogal /u/, portanto, foi derivada a partir de três ordens de vocábulos: (i) oriundos de formas latinas com a sequência /ɔl/¹⁷; (ii) decorrentes de vocábulos latinos com a sequência /ol/; e (iii) provenientes de formas latinas com a sequência /ul/. Reitera-se que o francês tratou o glide dorsal [w] como parte da sequência V+glide. Dessa sequência resultaram ditongos decrescentes¹⁸, que redundaram, em etapa subsequente, na vogal /u/, no presente caso. No quadro apresentado, encontram-se, à esquerda, as formas oriundas do latim vulgar; na coluna central, estão dispostas as formas evolutivas francesas, seguidas, à direita, das formas correspondentes em português. As formas marcadas por asteriscos são construções abstratas. Seguem-se comentários.

Quadro 3 - Vocalização da líquida lateral em coda medial: resultado: /u/.

	/ _ l	
	ɔł > ow > u	
poll(i)cem	pɔłce > powce > <i>pou</i> ce [ɔł] > [ow] > /u/	'polegar'
mol(e)re	mɔłdre > mowdre > <i>mou</i> dre [ɔł] > [ow] > /u/	'moer'
	ol > ow > u	
coll(o)care	colcher > cowcher > <i>cou</i> cher [ol] > [ow] > /u/	'deitar'
soll(i)citare	solcier > sowcier > <i>sou</i> cier [ol] > [ow] > /u/	'inquietar'

¹⁷ Considera-se aqui a forma dos vocábulos no latim vulgar.

¹⁸ Kolovrat (1923: 100-1) defende que esses ditongos não teriam coexistido, tampouco apresentado o mesmo timbre. O autor assevera que a passagem de /ɔl/ e /ol/ às formas correspondentes com a vogal alta dorsal labial, nas Figuras 7 e 8, explicam-se da mesma sorte que o grupo *al*, ou seja, o fenômeno ocorre, no francês antigo, em virtude do timbre duro do *l* diante de consoante.

	uʔ > oʔ > ow > u	
ascultare	escuʔter* > escoʔter > écowter > écouter [uʔ] > [oʔ] > [ow] > /u/	‘escutar’
culpabilis	cuʔpable* > coʔpable > cowpable > coupable [uʔ] > [oʔ] > [ow] > /u/	‘culpado’
cultellus	cuʔtel* > coʔtel > cowteau > couteau [uʔ] > [oʔ] > [ow] > /u/	‘faca’
fulgur	fuʔdre* > foʔdre > fowdre > foudre [uʔ] > [oʔ] > [ow] > /u/	‘relâmpago’
sulfur	suʔfre > soʔfre > sowfre > soufre [uʔ] > [oʔ] > [ow] > /u/	‘enxofre’

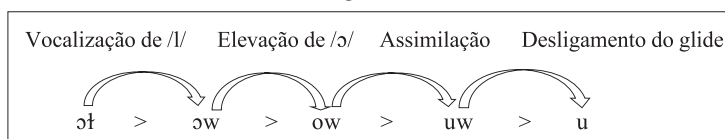
Interessam ao presente trabalho as formas evolutivas francesas constituídas de (i) sequência de vogal média-baixa posterior, /ɔ/, seguida da líquida lateral, /l/, [ʔ] (cf. p[ɔʔ]ce > p/u/ce ‘pouce’; m[ɔʔ]dre > m/u/dre ‘moudre’); (ii) sequência de vogal média-alta posterior, /o/, seguida da líquida lateral, /l/, [ʔ] (cf. c[ɔʔ]cher > c/u/cher ‘coucher’; s[ɔʔ]cier > s/u/cier ‘soucier’); (iii) sequência de vogal alta posterior, /u/, acrescida da líquida lateral, /l/, [ʔ] (cf. p[uʔ]mon > p[oʔ]mon > p/u/mon ‘poumon’).

Com respeito aos grupos de vocábulos que carregam a sequência /ɔl/ (i) e /ol/ (ii), em posição interna, os casos são restritos, mas neles o fenômeno de vocalização da líquida lateral velarizada operou da mesma forma que no grupo de casos mais extensos, em /ul/. No grupo de vocábulos com a sequência originalmente formada de vogal alta dorsal, /u/, acrescida da líquida lateral velarizada, [ʔ], em posição medial, daí /ul/ (iii), a vogal teria sofrido, inicialmente, um processo de abaixamento, passando, assim, de vogal alta dorsal a vogal média-alta dorsal, cujo resultado foi a sequência /ol/. Tal sequência sofreu, então, os mesmos processos fonológicos que acometeram a sequência originalmente formada de vogal média-alta dorsal mais a líquida lateral – /ol/.

Para Kolovrat (1923), nas sequências /ɔl/ e /ol/, a líquida lateral foi vocalizada em [w] independentemente da tonicidade da vogal dorsal labial – média-baixa, /ɔ/ (cf. pill(i)ce(m) > pɔʔce > pouce ‘polegar’) ou média-alta, /o/ (cf. sollicitare > soʔcier > soucier ‘inquietar’; collocare > coʔcare

> *coucher* 'deitar') ou da consoante que se lhes seguisse. A sequência V+glide foi base para três novos processos: coalescência, nas Figuras 3-4 apresentado, e assimilação e desligamento do glide, nas Figuras 6-8 a seguir. Do processo pelo qual a vogal /o/ assimilou a altura do glide resultou a sequência [uw], em que os dois elementos vocálicos compartilham os mesmos traços vocálicos. Por essa razão, entra em operação o OCP¹⁹, que desliga o glide [w], fazendo resultar a vogal /u/. Seguem-se comentários.

Figura 6 - Evolução do grupo /ɔl/ a partir da manifestação fonética velarizada de /l/: vocalização de /l/, elevação da vogal média-baixa labial, assimilação e desligamento do glide.



Fonte: as autoras

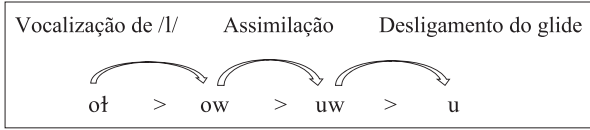
Na Figura 6, têm-se os três processos ocorridos na passagem de /ɔl/ a /u/. Primeiramente, acredita-se ter ocorrido a vocalização da líquida lateral velarizada, que passou a apresentar, então, os traços de um glide dorsal [w]²⁰, em virtude de tal elemento compartilhar a rima com uma vogal. Esse processo teria desencadeado a elevação da vogal média-baixa dorsal ao patamar de vogal média-alta, por assimilação do traço [-ab3] que integra os traços de altura do glide [w] – [-ab1, -ab2, -ab3]. Por fim, houve a assimilação de /o/ aos traços de [w], formando a sequência [uw], o que faz com que, por OCP, seja desligado o glide [w] – portador dos mesmos traços segmentais da vogal /u/ – e resulte um só segmento vocálico, a vogal alta dorsal /u/, como núcleo da sílaba.

Na Figura 7, a seguir, têm-se os processos fonológicos que desencadearam a passagem de /ol/ a /u/, no francês.

¹⁹ OCP (*Obligatory Contour Principle* – Princípio do Contorno Obrigatório) opera nas línguas regulando a tendência geral à evitação de elementos adjacentes iguais (McCarthy 1988).

²⁰ A formalização de tal processo na geometria está apresentada na Figura 2. Considerando-se idêntica a estrutura interna de [u] e [w], esta também mostrada na Figura 2, em obediência ao OCP, o resultado da sequência [uw] teria de conduzir à forma /u/.

Figura 7 - Evolução do grupo /ol/ a partir da manifestação fonética velarizada de /l/:
 vocalização de /l/, assimilação e desligamento do glide.

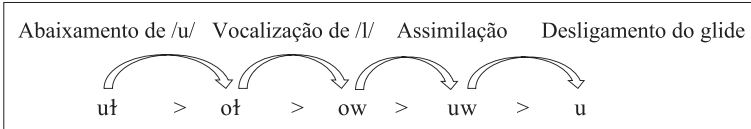


Fonte: as autoras

Com respeito à sequência *ol*, portanto, ocorreu a vocalização da líquida lateral, formando-se, com isso, o ditongo decrescente [ow]. Na etapa seguinte, surgiu a vogal /u/, pelo fato de a vogal /o/ ter sido assimilada aos traços de [w], daí [uw], sendo que, com a operação de OCP, há o apagamento do glide, do que resultou a vogal alta dorsal /u/.

Na Figura 8, apresentam-se os processos fonológicos responsáveis pela mudança de /ul/ a /u/, no francês.

Figura 8 - Evolução do grupo /ul/ a partir da manifestação fonética velarizada de /l/:
 abaixamento de /u/, vocalização de /l/, assimilação e desligamento do glide.



Fonte: as autoras

Relativamente à sequência *ul*, dois caminhos foram observados, de um resultando a vogal /u/, do outro, a vogal frontal arredondada /y/.

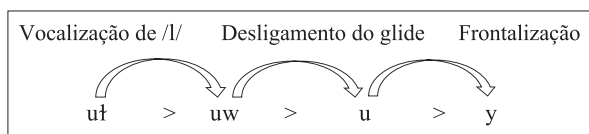
Na Figura 8, está representado o processo de que resultou a vogal /u/ a partir da sequência *ul*: ocorreu, num primeiro momento, o processo de abaixamento da vogal alta posterior, dando origem, assim, à sequência /ol/, cujas etapas subsequentes já foram apresentadas e ilustradas neste texto, na Figura 7. Repete-se, assim, a partir da etapa /ol/ [ot], o mesmo que se processou com a sequência original *ol*, ou seja, deu-se a vocalização da líquida lateral, de que resultou a formação do ditongo decrescente [ow]. Na etapa seguinte, ocorreu o processo de assimilação da vogal /o/ aos traços do glide dorsal, fazendo surgir a sequência [uw] e, por desligamento do glide,

resultou a vogal alta posterior/dorsal /u/.

Houve casos, entretanto, em que a sequência *ul* resultou na vogal alta frontal arredondada /y/ – extremamente raros são os exemplos em que esse fenômeno ocorreu. De acordo com Bourciez (1921: 39), “a combinação do ‘l’ vocalizado com a vogal ‘u’ não deixou rastro em francês”²¹ (cf. *pul(i)cem* > *p[uɫ]ce* > **p[uw]ce* > **p[u]ce* > *p/y/ce* *puce* ‘pulga’; *pul(i)cella* > *p[uɫ]cella* > **p[uw]celle* > **p[u]celle* > *p/y/celle* *pucelle* ‘donzela’). Nesse segundo caminho evolutivo, a sequência *ul* teria apresentado a vocalização da lateral em coda, de que se seguiu [uw] e, em sendo a sequência [uw] formada de dois elementos iguais adjacentes, desde logo operou o OCP, em consonância com o que já foi representado nas Figuras 6, 7 e 8, implicando o desligamento do glide. A vogal /u/ resultante, nesse caso particular, no entanto, não se manteve: por ser /u/ o núcleo original da sílaba, essa vogal (mesmo resultante da sequência [uw]) recebeu, em alguns itens lexicais, o tratamento evolutivo dado, no francês, para a vogal /u/ do latim – a vogal longa do latim clássico –, ou seja, foi convertida na vogal alta frontal arredondada /y/, pelo processo de frontalização, com a manutenção do traço [+arredondado].

Apresentam-se, na Figura 9, os processos fonológicos responsáveis pela mudança de /ul/ a /y/, no francês.

Figura 9 - Evolução do grupo /ul/ a partir da manifestação fonética velarizada de /l/:
vocalização de /l/, desligamento do glide e frontalização.



Fonte: as autoras

Observe-se que, de acordo com o processo evolutivo representado na Figura 9, a vogal alta frontal arredondada /y/ apenas seria resultante da vogal alta posterior /u/ quando derivou da sequência vogal + lateral em coda silábica como um segundo caminho evolutivo, já que também essa

²¹ O mesmo ocorreu, segundo Bourciez (*op.cit.*), com o ‘l’ vocalizado ao compor sequência com a vogal ‘i’ (cf. *filius* > francês antigo *fi[i]s* > *fi[w]s* > *fi[j]s* *fil* ‘filho’).

sequência *ul*, seguindo outro percurso, poderia resultar na vogal /u/, como representado na Figura 8.

No caso mostrado na Figura 9, estaria sendo seguida a tendência geral da evolução da vogal /u/ latina, pois, segundo relata a literatura (cf. Bourciez 1921; Nyrop 1899), na passagem do latim ao francês, a vogal /u/ evoluiu para a vogal /y/ francesa. Esse movimento se deveria a uma mudança de ponto de articulação, sem a influência de vizinhança linguística, ou seja, tratar-se-ia de uma mudança fonética de caráter “independente” (e.g. lat. *dura* > fr. *dure* d/y/re ‘duro’ ap. Bourciez²² 1921:15; lat. *muru* > fr. *mur* m/y/r ‘muro’; lat. *crucifigere* > fr. *crucifier* cr/y/cifier ‘crucificar’ (ap. Nyrop 1899:113).

Nos restritos casos em que da sequência *ul* houve o resultado da vogal alta frontal arredondada, ainda se poderia cogitar que a presença de /y/ teria sido desencadeada por assimilação do traço [coronal] de consoante(s) adjacente(s) ou de vogal coronal da sílaba seguinte (cf. pul(i)cem > fr. ant. p[uʔ]ce > *p[uw]ce > *p[u]ce > p/y/ce *puce* ‘pulga’) – seria, então, um processo de coronalização da vogal /u/, motivada por assimilação, com a manutenção do traço [+arredondado].

Para Kolovrat (1923: 120), no entanto, teria havido outro percurso evolutivo; para o autor, a única possibilidade é que a líquida lateral, na sequência de /u/ + /l/, haja sido perdida em etapa precedente à redução de /u/ à vogal frontal arredondada /y/ (cf. /ul/ > /u/ > /y/). Segundo Kolovrat, nos empréstimos que carregam /l/ em sílabas cujo núcleo é /y/ ou /i/, o elemento consonantal /l/ se mantém (cf. *filtre* ‘filtro’; *occulte* ‘oculto’; *sultan* ‘sultão’). Em outras palavras, a líquida lateral em coda não desencadeia, nesses casos, qualquer processo fonológico que possa envolver as vogais tautossilábicas /y/ ou /i/. Defende também que, mesmo em palavras vernáculas, também a vogal frontal arredondada /y/ não derivou de sequência de vogal + lateral e que, portanto, a natureza fonológica da vogal alta frontal contrastiva /y/ não estaria relacionada à presença da líquida em coda.

²² Da mesma forma, relata o autor (*op. cit.*: 13), o ‘a’ final do latim “se conservou no francês sob a forma enfraquecida de ‘e’ surdo [ɛ] (que se tornou mudo mais tarde)”. Em outras palavras, a vogal ‘a’ do latim, em posição final de palavra, sofreu um processo de enfraquecimento na passagem do latim ao francês, de que resultou um ‘e’ surdo [ɛ], o qual mais tardiamente na história da língua francesa tendeu a deixar de ser pronunciado – daí ‘e mudo’ (e.g. lat. *dura* > fr. *dure* ‘duro’).

Retomando-se o processo evolutivo mostrado na Figura 9 e defendendo-se a possibilidade de mudança $u > y$, bem como se reconhecendo os numerosos casos, na sincronia do francês, com a sequência /yl/, interpreta-se que a presença de /y/, em exemplos como *p/y/ce* (*puce* ‘pulga’) e *v/y//gaire* (*vulgaire* ‘vulgar’), teria motivações ainda diferentes daquelas acima listadas: em palavras como *p/y/ce*, a vogal frontal arredondada /y/ derivou de /u/, resultante da vocalização da lateral em coda, conforme já foi dito acima e mostrado na formalização na Figura 9. Por outro lado, a vogal /y/ presente em palavras que mantêm a lateral, como *v/y//gaire*, deriva da assimilação, pela vogal /u/, da propriedade [-posterior] da consoante lateral em coda; nestes casos, deixou de haver a velarização da lateral em coda²³ e a lateral, não se vocalizando, manteve-se nas palavras. Este fato aconteceu em momento subsequente na evolução – esses diferentes tipos de processo evolutivo de que decorreu a vogal frontal arredondada /y/ são evidências de movimentos da língua francesa em diferentes estágios de sua história, conforme pode ser atestado no Quadro 4, em vocábulos franceses provenientes de formas latinas.

Observa-se, no Quadro 4, que a maioria das palavras elencadas entrou no francês em etapa subsequente ao séc. XIII, o que poderia, então, ser tomado como evidência de um movimento evolutivo diferente, relativamente à sequência de /u/ + líquida lateral, àquele encetado em período precedente da história da língua.

Destaca-se que os processos aqui relatados como motivadores da emergência, no francês, tanto da vogal /u/ como da vogal /y/, têm a sua naturalidade respaldada nos traços que integram a estrutura interna dos segmentos neles envolvidos.

²³ O processo de velarização da lateral na coda silábica do francês seguiu o movimento do latim vulgar rumo à vocalização, mas cessou em determinado momento da evolução da língua.

Quadro 4 – A frontalização da vogal arredondada na sequência /yl/.

latim > francês	Datação/período	
adultus > <i>adulte</i>	1380	'adulto'
auscultare > <i>ausculter</i>	1500	'auscultar'
bulbus > <i>bulbe</i>	1400	'bulbo'
consultare > <i>consulter</i>	1410	'consultar'
crepusculum > <i>crépuscule</i>	1596	'crepúsculo'
culpabilis > <i>culpabilité</i>	1791	'culpa'
cultura > <i>culture</i>	1509	'cultura'
difficultas > <i>difficulté</i>	séc. XIII/1200	'dificuldade'
fulgurare > <i>fulgurer</i>	1862	'fulgurar'
fulminare > <i>fulminer</i>	1300	'fulminar'
indulgentia > <i>indulgence</i>	1564	'indulgência'
insultus > <i>insulte</i>	1535	'insulto'
pulmonarius > <i>pulmonaire</i>	1572	'pulmonar'
pulpa > <i>polpe</i> > <i>pulpe</i>	1503/1105	'polpa'
resultatum > <i>résultat</i>	1589	'resultado' (< lat. escolas.)
sculptura > <i>sculpture</i>	1380	'escultura'
sepulcrum > <i>sépulcre</i>	séc. X/1100	'sepulcro'
sepultura > <i>sépulture</i>	1100	'sepultura'
tumultus > <i>tumulte</i>	1100	'tumulto'
vulgaris > <i>vulgaire</i>	1552	'vulgar'

2.3 Sobre a sequência /il/

A sequência *il* foi uma das formas de cuja evolução se originou a vogal frontal média-alta arredondada /ø/, no inventário fonológico do francês (cf. *it* > *et* > *ew* > *ø*), a qual era desconhecida do latim vulgar, conforme já referido neste texto. Apresenta-se, no Quadro 5, a seguir, a vocalização da líquida lateral, a partir da sequência /il/. Seguem-se comentários.

Quadro 5 - Vocalização da líquida lateral em coda – resultado: /ø/.

	/ __ l	
	it > et > ew > ø	
fil trum	fet ter > few tre > feut re [eʔ] > [ew] > /ø/	'feltro'
fil (i)caria	fi tgeria > fet gère > few gère > feug ère [iʔ] > [eʔ] > [ew] > /ø/	'samambaia'
capil (o)s	chevet s > chevew s > cheveux [eʔ] > [ew] > /ø/	'cabelo'

No quadro evolutivo apresentado, a vogal frontal arredondada /ø/ – ortograficamente representada *eu* –, oriunda da sequência francesa /eʔ/, somente passou a vigorar no sistema vocálico do francês ao redor do fim do séc. XII, de acordo com Nyrop (1899: 201). Observe-se, no Quadro 5, que a primeira forma evolutiva francesa, coletada a partir de dados disponíveis em obras especializadas, constitui-se de vogal média-alta frontal, /e/, seguida de líquida lateral velarizada, [ʔ], decorrente de um processo de abaixamento (cf. *fi*tgeria > *fet*gère; etc.), assim como já ocorria em latim vulgar²⁴. Na etapa seguinte, tem-se a aplicação do processo de vocalização da líquida lateral, de que resulta um glide dorsal, em posição subsequente à vogal /e/, formando-se, assim, um ditongo decrescente, [ew]. Na etapa subsequente, os integrantes do ditongo são submetidos a um processo de coalescência, cujo resultado é a vogal frontal arredondada, /ø/. Por fim, registra-se que os casos de vocalização da lateral velarizada na sequência /eʔ/ são restritos, mas neles o mencionado processo de vocalização operou da mesma sorte que nos demais, mostrados nos Quadros 2 e 3.

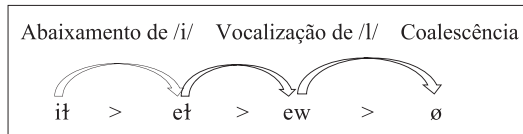
Com respeito à origem das vogais frontais arredondadas do francês, a literatura (Nyrop 1899; Bourciez 1921) observa que da presença, no latim vulgar, da vogal média-baixa posterior /ɔ/, em sílaba aberta e tônica, resultam (i) a vogal média-baixa frontal arredondada /œ/, em sílaba fechada (cf. *h*ora > *ou*re > *he*ure h/œ/re 'hora'; *b*uove > *bue*f > *bœuf* b/œ/f

²⁴ Na obra de Quintilhano, encontra-se esse mesmo processo de abaixamento da vogal (resultado de dissimilação de altura) em *magester* e *leber* por *magister* e *liber* (cf. Brachet 1872: 157-8).

'boi'), e (ii) a vogal média-alta frontal arredondada /ø/, em sílaba aberta (cf. *focus* > *feu* f/ø/ 'fogo'; *bœuf*s b/ø/fs 'bois'). Segundo Bourciez (*op. cit.*), a primeira mudança por que passou /ɔ/ foi ter-se ditongado em [wɔ] e, após, no início do séc. XI, ter passado ao ditongo crescente [wɛ], ou antes [yɛ], escrito *ue*. A passagem do ditongo [yɛ] a um som simples – a vogal média-baixa frontal arredondada /œ/²⁵ –, desconhecida do latim e da maioria das línguas românicas, teria ocorrido, provavelmente, ao final do séc. XII. Não há, portanto, nos autores, referência ao fato de a procedência de vogais frontais arredondadas no francês estar vinculada a sequências originalmente compostas por vogal + líquida lateral.

Na Figura 10, apresentam-se os processos fonológicos envolvidos na evolução do grupo *eI* (<il) até chegar à vogal /ø/. Seguem-se comentários.

Figura 10 - Evolução do grupo /iI/ a partir da manifestação fonética velarizada de /I/: abaixamento de /i/, vocalização de /I/ e coalescência.



Fonte: as autoras

Incidem três processos fonológicos sobre a sequência /iI/. O primeiro é o abaixamento da vogal frontal alta /i/ para a média-alta correspondente, /e/, de que resulta o grupo [eʔ]²⁶. O processo seguinte consiste na vocalização de /I/, daí resultando o glide dorsal. Por compartilhar a rima com a vogal-núcleo, forma-se, por conseguinte, o ditongo decrescente [ew], a vogal-núcleo /e/ seguida do glide dorsal [w]. O ditongo decrescente [ew] passa, então, por um processo de coalescência, de cuja aplicação assomou novo segmento vocálico no sistema do francês – a vogal média-alta frontal arredondada /ø/ – par opositivo da vogal frontal média-alta /e/. Os traços que integram as estruturas internas dos segmentos é que oferecem as condições para a aplicação dos processos que resultaram, de acordo com o exposto, na vogal /ø/ na fonologia do francês.

²⁵ A manifestação escrita da vogal média-baixa frontal arredondada /œ/ pode ser *eu, oeu, oe, oue*

²⁶ Observe-se que o processo de abaixamento de vogal alta precedendo /I/ já havia sido registrado na sequência *ul* – veja-se a Figura 8.

3. Sumarização

É chegado o momento de retornar-se às questões anteriormente formuladas – (i) a possibilidade de haver causas fonético-fonológicas responsáveis pelo desencadeamento da mudança de um sistema sem vogais frontais arredondadas (latim) para outro com essas vogais (francês) e (ii) a indagação a propósito de a inserção de vogais arredondadas, frontais ou posteriores, ser capaz de mostrar alguma relação com a história da lateral posvocálica na língua francesa.

É com base em Martinet (1955) que se responde afirmativamente ao primeiro questionamento, em (i). Segundo o autor, dentre as causas principais da mudança fonética na história das línguas estão:

- (a) a assimetria dos articuladores, o que impede o estabelecimento de um sistema fonológico simétrico;
- (b) as forças internas dentro do sistema – a atração de um fonema por um espaço vazio no sistema, o que o faz mudar a sua articulação e seus traços distintivos a fim de preencher aquele espaço como membro de uma oposição sistemática.

Entende-se que essas duas causas poderiam estar subjacentes à emergência de vogais frontais arredondadas no francês. A causa em (a) responderia pela frontalização de /u/, com a manutenção do seu traço de arredondamento, como resultado da “assimetria dos articuladores” na cavidade bucal – o grande espaço fonético (articulatório e acústico) entre as vogais altas [u] e [i] oferecia as melhores condições para a sua ocupação por outro segmento, o que fez emergir a vogal frontal arredondada [y], que foi fonologizada. O maior espaço articulatório na parte frontal da boca pode justificar o número maior de oposições vocálicas anteriores/coronais em relação à região posterior. Por sua vez, a causa em (b) concerniria à efetiva ação que houve das forças internas dentro do sistema, o que ocorreu em dois eixos: primeiramente, emergiram segmentos pelo fato de que o espaço das vogais frontais arredondadas estava vazio no sistema; em segundo lugar, tendo em vista a presença da vogal frontal arredondada alta /y/, a analogia e a busca de simetria do sistema levaram à emergência das contrapartes

arredondadas das outras duas alturas de vogais frontais: da vogal frontal arredondada média alta /ø/ e da vogal frontal arredondada média baixa /œ/. Esta causa se vê fortalecida ao observar-se a simetria das vogais frontais arredondadas com as vogais frontais não arredondadas: os dois tipos de vogais frontais ocupam simetricamente três alturas, preenchendo de forma paralela os espaços fonético-fonológicos, conforme rerepresentado em (3), originalmente Quadro 1.

(3) Sistema vocálico do francês

i	y	u
e	ø	o
ɛ	œ	ɔ
a		

Com respeito ao segundo questionamento em (ii), ou seja, se a inserção de vogais arredondadas, frontais ou posteriores, no francês mostraria alguma relação com a história da lateral posvocálica na língua, tem-se também uma resposta afirmativa. Essa seria, aliás, uma terceira motivação, que também está vinculada às forças internas dentro do sistema (causa em (b) acima registrada), desta vez relacionada à lateral posvocálica: diz respeito à efetiva ação das propriedades (representadas por traços) do(s) segmento(s) originário(s) da mudança. Dito de outra forma, a velarização da lateral (/l/ → [ʎ]), sob a visão autosegmental dos traços, atribuiu, à consoante lateral, uma articulação secundária vocálica, portadora do traço [+arred] ([labial]), na Figura 1 apresentado. O traço [+arred], por sua vez, foi mantido no processo subsequente de vocalização ([ʎ] → [w]), dado que, à luz da Geometria de Traços, a vocalização da lateral posvocálica é responsável por desligar a articulação primária consonantal, mantendo a articulação vocálica (com o traço [labial]/[+arredondado]), ilustrado na Figura 2 – a manutenção desse traço responde também por vogais arredondadas, frontais ou posteriores.

Propõe-se que essas três causas, em ação interativa, desencadearam a mudança fonético-fonológica que, do latim, resultou nas vogais

arredondadas, frontais ou posteriores, presentes na fonologia do francês contemporâneo. No Quadro 6, sintetizam-se os movimentos diacrônicos e as suas motivações com foco exclusivo nas vogais frontais arredondadas da língua.

Quadro 6 – Surgimento de vogais frontais arredondadas no francês.

1º) /y/ - **vogal alta frontal arredondada**

Motivações:

a) o espaço fonético (frontal) maior

→ Frontalização de /u/

b) as forças internas dentro do sistema

→ Derivado de sequência V+lateral ($V+I > V+t > V+w > V$)

2º) /ø/ - **vogal média-alta frontal arredondada**

Motivações:

a) o espaço fonético (frontal) maior

b) as forças internas dentro do sistema

→ Analogia com /y/ e busca de simetria

→ Derivado de sequência V+lateral ($V+I > V+t > V+w > V$)

3º) /œ/ - **vogal média-baixa frontal arredondada**

Motivações:

a) o espaço fonético (frontal) maior

b) as forças internas dentro do sistema

→ analogia com /y/ e /ø/ e busca de simetria

→ Derivado de sequência V+lateral ($V+I > V+t > V+w > V$)

Tratando-se agora exclusivamente das três vogais frontais arredondadas da língua francesa, pelo Quadro 6 observa-se que apresentariam mais de uma fonte de surgimento no sistema, sendo prevalentes as motivações determinadas pela configuração fonológica do inventário vocálico da língua.

Quanto às informações relativas à estrutura silábica, na passagem do latim ao francês, tem-se que sílabas fechadas por líquida lateral, foneticamente uma lateral velarizada, tautossilábica a uma vogal, resultaram, ao longo do processo evolutivo do francês, em uma só vogal – /u/, /o/, /y/ ou /ø/. Com respeito à sílaba aberta no latim, a literatura (Nyrop 1899; Bourciez 1921) relata que da presença de vogal média-baixa posterior /ɔ/, em sílaba aberta e tônica, resultaram no francês (i) a vogal média-baixa frontal arredondada /œ/, em contexto de sílaba fechada (e.g. latim *hora* > francês antigo *oure* > francês moderno *heure* h/œ/re [œR] ‘hora’; latim *buove* > francês antigo

buef > francês moderno *bœuf* b/œ/f [bœf] ‘boi’); e (ii) a vogal média-alta frontal arredondada /ø/, em contexto de sílaba aberta (e.g. latim *focus* > francês *feu* f/ø/ [fø] ‘fogo’; *bœufs* b/ø/fs [bø] ‘bois’). Outrossim, a literatura também aponta que a vogal alta posterior /u/ do latim foi interpretada no francês como a vogal alta frontal arredondada /y/ (e.g. latim *durum* > francês *dur* d/y/r [dyʀ] ‘duro’; latim *maturum* > francês *mûr* m/y/r [myʀ] ‘maduro’; latim *pluma* > francês *plume* pl/y/me [plym] ‘pluma’). Note-se, por fim, que nos três últimos casos citados (/ɔ/ > /œ/; /ɔ/ > /ø/ e /u/ > /y/), ou seja, naqueles em que o surgimento de vogais frontais arredondadas apresenta outra origem que não a da sílaba fechada por líquida lateral, a mudança de ponto de articulação operou num movimento de frontalização: o que era posterior no latim, passou a frontal no francês. Segundo Nyrop (*op. cit.*: 112), em se tratando de mudanças que envolvem ponto de articulação, essas ocorrem ordinariamente de trás para frente. Os movimentos são todos expressos com base em propriedades dos segmentos que são expressas, na fonologia da língua, por meio de traços distintivos.

4. Considerações finais

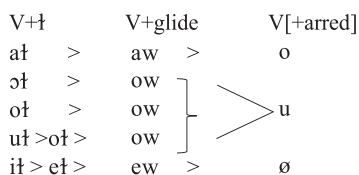
No francês primevo, havia um grupo de vogais frontais não arredondadas, herdadas do latim vulgar, /i, e, ε/, a que se somava uma série posterior/dorsal de vogais arredondadas/labiais – também disponíveis no latim vulgar – /u, o, ɔ/, além da vogal baixa /a/. As sequências de vogal e líquida lateral em coda, vigentes no francês antigo, ao menos inicialmente, tinham como núcleo vogais já integradas ao sistema. Essas sequências segmentais, com a evolução, puderam formar novos segmentos na língua – as vogais frontais arredondadas –, cuja emergência e fonologização se deu, pois, em etapa posterior da diacronia da língua francesa, no francês antigo. O presente estudo traz, como uma das fontes da presença de vogais arredondadas do francês, tanto das posteriores /u/, /o/, como das frontais arredondadas, a sequência, em latim, de vogal + líquida lateral em posição medial de palavra.

As formas resultantes da vocalização da líquida lateral velarizada em coda de sílaba (/l/ [ɫ] → [w]), ilustradas no Quadro 2 (formas et /o/), no

Quadro 3 (formas em /u/) e no Quadro 5 (formas em /ø/), preservam o traço [+arred] do elemento vocalizado – o glide dorsal, [w] –, em coda silábica interna à palavra. Observe-se que a manifestação fonética da lateral /l/ como velarizada está na origem de processos de que resultaram vogais fonológicas no francês; os movimentos evolutivos aqui destacados evidenciam a articulação entre um fenômeno de natureza fonética e outro de natureza fonológica. Além da articulação entre fonética e fonologia, os fatos diacrônicos aqui destacados também mostram articulação entre diferentes tipos de unidades fonológicas – traços, segmentos e sílabas –, confirmando o que defende Sen (2015), com respeito ao fato de a vocalização da lateral em coda consistir em uma das evidências da influência indireta protagonizada pela estrutura silábica na mudança sonora.

Em (4), a seguir, apresenta-se a sequência de V + /l/ em seus diferentes estágios, até resultar na vogal arredondada oriunda do processo de vocalização da lateral posvocálica no francês.

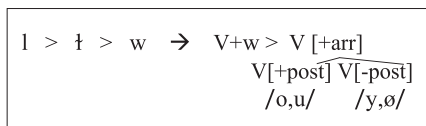
(4) Evolução da sequência V + /l/ no francês



O traço [+arred], em (4), emerge nas formas resultantes da vocalização de /l/ em coda (/l/ → [w]) como decorrente dos processos de **posteriorização ou velarização + vocalização**, sofridos pela lateral posvocálica. Porém, a evolução não cessa nessa etapa: o glide dorsal [w] foi interpretado, na fonologia do francês, como parte da sequência **V + glide**, ou seja, como unidade constituinte de um ditongo, ensejando o desencadeamento de dois outros processos – coalescência e assimilação – que deram origem a vogais arredondadas, já pertencentes ao sistema e conhecidas do latim vulgar (/u/ e /o/), além de frontais arredondadas – inexistentes no latim vulgar.

Sintetiza-se, na Figura 11, o percurso evolucionar por que passou a lateral posvocálica em francês.

Figura 11 - O francês e a evolução da lateral em coda.



Fonte: as autoras

No francês, observa-se, portanto, que a lateral em coda silábica, em seu processo evolutivo, passou por um processo de vocalização de /l/ ($l > \text{ɫ} > w$)²⁷, de que resultou a sequência de $V+w$ ($l > \text{ɫ} > w \rightarrow V+w$). Ao prosseguir a marcha, a lateral posvocálica /l/ foi tratada, no sistema linguístico do francês, como parte da sequência **V+glide** ($V+w$), a qual sofreu processo e resultou numa só vogal ($V+w > V [+arred]$, seja ela [+post] ([+post, +arred] – /o/, /u/) ou [-post] ([-post, +arred] – /y/, /ø/)).

Os segmentos vocálicos resultantes da vocalização da lateral posvocálica foram vogais arredondadas e, mais do que isso, os efeitos da vocalização da lateral em coda redundaram, no francês, em novas incorporações vocálicas: as vogais frontais arredondadas.

Por fim, defende-se que a adoção do enfoque teórico assumido por Clements & Hume (1995), que trabalha com a visão não-linear do funcionamento do componente fonológico das línguas – a partir do tratamento autosssegmental dos traços que compõem a estrutura interna dos segmentos e a formalização dos processos que envolvem segmentos e traços por meio de uma representação geométrica –, foi de fundamental importância não só por permitir formalizar a contento a trajetória por que passou a lateral posvocálica até a sua vocalização e os subsequentes desdobramentos de vogal-núcleo + glide dorsal, no processo evolutivo do francês, como também por permitir explicar uma das fontes de que se originaram as vogais arredondadas posteriores /o/, /u/ e também as vogais frontais arredondadas no sistema vocálico do francês.

²⁷ No português do Brasil o processo evolutivo da lateral em coda foi até essa etapa, ou seja, parou no glide dorsal [w]. Isso ocorreu porque tratou o /l/ posvocálico como segmento independente da vogal, assim, o espaço fonológico de /l/ foi preservado (cf. a[ɫ]ma > a[ɫ]ma > a[w]ma ‘alma’).

REFERÊNCIAS

- Bisol, Leda. 1994. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.* 10 (n.º especial): 123-140.
- Bourciez, Edouard. 1921. *Précis historique de phonétique française*. Paris: Librairie Klincksieck. Retirado da Internet em 16/02/2017: <https://archive.org/details/prcishistoriqu00bouruoft>
- Brachet, Auguste. 1872. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: J.Hetzel. Retirado da Internet em 15/02/2017: <https://ia600201.us.archive.org/19/items/DictionnaireetymologiqueDeLaLangueFrancaise>
- Camara Júnior, Joaquim Mattoso. 1976. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Clements, George Nick. 1985. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*. 2: 225-252.
- Clements, George Nick. 1989. A unified set of features for consonants and vowels. Ms, Cornell University.
- Clements, George Nick. 1991. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*. 5: 77-123. Ithaca: Cornell University.
- Clements, George Nick & Hume, Elizabeth. 1995. The internal organization of speech sounds. In: Goldsmith, John A. (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 245-306.
- Grevisse, Maurice. 1993. *Le bon usage*. Paris: Duculot.
- Kolovrat, George de. 1923. *Étude sur la vocalisation de la consonne l dans les langues romanes*. Paris: Jouve & Cie. Éditeurs. Retirado da Internet em 14/02/2017: https://ia802606.us.archive.org/4/items/tudesurlavocal00kolouoft/tudesurlavocal00kolouoft_bw.pdf
- Martinet, André. 1955. *Économie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*. Berne: Éditions A. Francke S.A.
- Mascaró, Joan. 1989. On the Form of Segment Deletion and Insertion Rules. *Probus*. 19(1): 31-61.
- McCarthy, John. 1988. Feature geometry and dependency: A review. *Phonetica*. 45. Disponível em: http://works.bepress.com/john_j_mccarthy/35/
- Müller, Danielle. 2011. Developments of the lateral in occitan dialects and their romance and crosslinguistic context. *Linguistics*. Université Toulouse le Mirail – Toulouse II. English. <NNT : 2011TOU20122>. <tel-00674530>

- Nunes, José Joaquim. 1989. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9.^a ed. Lisboa: Clássica Editora [1951].
- Nyrop, Kr. 1899. *Grammaire historique de la langue française*. Paris: A. Picard & Fils. Retirado da Internet em 16/11/2016: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k240021>
- Quednau, Laura R. 1994. A vocalização variável da lateral. *Letras de Hoje*. 29(4): 143-151.
- Recasens, Daniel. 2012. A phonetic interpretation of sound changes affecting dark // in Romance. In: M. J. Solé. & D. Recasens (Eds.). *The Initiation of Sound Change. Production, Perception and Social Factors*. Amsterdam: John Benjamins, 57-76.
- Ségéral, Philippe & Scheer, Tobias. 2015. De la communauté de destin des voyelles en syllabe fermée dans l'évolution du latin vulgaire à l'ancien français. *Diachroniques*. 5: 105-152.
- Sen, Ranjan. 2015. *Syllable and Segment in Latin*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Tranel, Bernard. 1987. *The sounds of French: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Veiga, Cláudio. 1965. *Gramática nova do francês*. 4.^a ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A.